

INVESTIGAÇÃO PROSÓDICA DOS ENUNCIADOS INTERROGATIVOS DISJUNTIVOS NO PAREAMENTO DE FORMA E FUNÇÃO DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Leonardo Alves Machado¹

Claudia Souza Cunha²

RESUMO: O presente trabalho almeja dar atenção à investigação prosódica na abordagem construcionista, desse modo, serão analisadas construções de enunciados interrogativos disjuntivos. Tipo frásico cuja formulação oferece uma opção entre dois (ou mais) elementos, dos quais, um deles constituirá a resposta: *“Você quer leite ou café?”* (MORAES, 1982). A pesquisa investiga os movimentos da frequência fundamental (doravante F0) a fim de mapear e identificar aspectos entoacionais que configuram a sentença em estudo e revelam marcas de variação. Para cumprirmos com esse objetivo, adotamos a abordagem da Fonologia Autossegmental Métrica (AM) (PIERREHUMBERT, 1980; PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988), teoria postulada para descrever o quadro tonal de uma língua através de dois níveis: o alto e o baixo. Com esse modelo, representaremos as distinções do movimento entoacional de sentenças defendidas como aloconstruções (CAPPELLE, 2006) de uma construção interrogativa disjuntiva: aquelas em que a alternância é operada pela conjunção *“ou”* e aquelas em que a alternância é feita por meio da preposição *“entre”*. Nossos resultados demonstram que, ainda que as construções se divirjam no plano sintático, no plano entoacional as interrogativas apresentam mais semelhanças do que diferenças, como o acento nuclear L+H H% presente nas duas construções interrogativas.

Palavras-chave: Gramática de Construções. Entoação e prosódia. Interrogativas disjuntivas.

PROSODIC INVESTIGATION ON ALTERNATIVE QUESTIONS IN THE PAIR FORM X FUNCTION CONCERNING GRAMMAR CONSTRUCTIONS

ABSTRACT: The present research aims to pay attention to prosodic investigation in the constructional approach; therefore, constructions of alternative questions were analyzed. Phrase type whose formulation offers a choice between two (or more) elements, of which, one of them will constitute the answer: *“Do you want milk or coffee?”* (MORAES, 1982). The research investigates the fundamental frequency movements (hereinafter F0) in order to map and identify intonational aspects that configure the sentence studied and reveal marks of variation. To achieve this goal an approach was adopted the Autosegmental-metric Phonology (AM). (PIERREHUMBERT, 1980; PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988), a theory postulated to describe the tonal set of a language through two levels: the high and the low. With this model, the distinctions of the intonation movement will be represented as being defended as allostructions (CAPPELLE, 2006) of an alternative question construction: those in which the alternation is operated by the conjunction *“or”* and those in which the alternation is made through the preposition *“entre”*. Results demonstrate that, although the constructions differ in the syntactic plane, in the intonational plane the

¹ Mestre, UFRJ, Rio de Janeiro Brasil. E-mail: machado.leonardo@letras.ufrj.br. Orcid: 0000-0003-0531-663X.

² Doutora, UFRJ, Rio de Janeiro Brasil. E-mail: claudiacunha@letras.ufrj.br. Orcid: 0000-0002-3243-3535.

interrogatives have more similarities than differences, such as the nuclear accent L+H H% present in the two interrogative constructions.

Keywords: Constructions Grammar. Intonation and prosody. Alternative questions.

Introdução

Esta pesquisa surge como uma proposta de inserção da prosódia nos estudos que versam sobre a Gramática de Construções. Tal tarefa se torna uma grande empreitada, uma vez que são raros os ensaios dedicados a fenômenos do nível suprasegmental na investigação de pareamentos de forma e sentido, sobretudo no Português Brasileiro (doravante PB). Desse modo, cremos que traremos importantes contribuições para os estudos da área, seja pelo olhar de um aspecto ainda não muito explorado na literatura sobre as construções, seja pelo enriquecimento das descrições que favorecem a demarcação de fenômenos linguísticos do PB. Para cumprirmos esta iniciativa, a presente análise tratará da distinção das sentenças com valor semântico de pergunta disjuntiva, aquela que oferece em sua formulação uma opção entre dois (ou mais) elementos. Vide o exemplo em (1):

(1) *Você vai viajar nesse final de semana ou no outro?*

O embate de nossa pesquisa tem a ver com as definições encontradas na literatura sobre as disjuntivas, uma vez que os autores tendem a atribuir ao sentido semântico da interrogativa um critério sintático para a sua formulação. Moraes (1982) e Lira (2009), por exemplo, propõem que os elementos da construção disjuntiva sempre aparecerão alternados pela conjunção *ou*. De fato, não podemos negar a produtividade das interrogativas alternativas formuladas com o conector *ou*, no entanto, devemos considerar que outros elementos morfológicos podem aparecer no interior da construção, como a preposição *entre* dada no exemplo em (2):

(2) *Entre Haddad e Bolsonaro, quem você prefere que venças as eleições de 2018?*

Como é possível observar, o exemplo acima também oferece uma escolha entre duas opções. Portanto, podemos associá-lo ao conteúdo semântico de uma interrogativa que busca encontrar resposta para uma alternativa, porém, o elemento que opera a ligação entre os constituintes oferecidos não é mais a conjunção *ou*. Sendo assim, defendemos que os

exemplos (1) e (2) são duas construções possíveis para o tipo interrogativo disjuntivo e pretendemos, por meio da investigação prosódica dessas sentenças, responder se as diferenças identificadas no plano sintático também se confirmam no nível entoacional.

Consoante a isto, este estudo visa propor uma maneira de mapear a entoação e contemplar a prosódia na abordagem que compreende a língua como uma organização de construções cujos significados advêm do pareamento de propriedades distribuídas em dois polos: a da forma e a do sentido. Como lidamos com uma teoria que prevê a totalidade do conhecimento linguístico, não podemos deixar de fora um dos integrantes da linguagem responsável pela codificação dos significados das sentenças. Logo, será por meio dos recursos para a descrição da entoação da Fonologia Entoacional que exploraremos as construções disjuntivas, uma vez que, por meio dessa abordagem, visualizaremos os enunciados em sua forma sintática e prosódica em relação com sua função de alternância disjuntiva. Desse modo, evidenciaremos quais são as particularidades existentes nas construções disjuntivas em debate.

1 A Gramática de Construções

A Gramática de Construções argumenta que o conhecimento linguístico é organizado em uma rede de construções, a qual representa o conjunto de elementos que estão interconectados. Desse modo, nenhum aspecto linguístico se destaca sobre o outro, pois todos interagem no mesmo plano para construir os significados de uma língua. Nessa abordagem, o pareamento das faces formal e funcional concebe a unidade básica da língua: a construção gramatical. Na face formal, encontraremos as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, enquanto, na face funcional, estão as propriedades semânticas, pragmáticas e funcionais do discurso, como ilustrado por Croft (2001, p. 18). A teoria parte da proposição de que o conhecimento linguístico não é fixo, pois é afetado pelo uso durante todo o processo de vivência de um indivíduo. Portanto, as necessidades de operação da língua, em determinada comunidade de fala, irão incutir nas funções comunicativas.

Nesta visão, as construções se organizam em uma rede composta por construções mais esquemáticas que licenciam outras menos esquemáticas. Traugott e Trousdale (2013) explicam que as construções podem ter diferentes dimensões, sejam atômicas como o morfema de plural *õ-sõ* em português, sejam complexas como a estrutura sintática básica de nossa língua: sujeito, verbo e objeto (SVO). A construção SVO, por exemplo, possui *slots* que

devem ser preenchidos à medida que são criados significados simbólicos. As construções estão organizadas em níveis de abstração que representam a relação entre os pareamentos. Os níveis consistem em um esquema mais abstrato que instanciam padrões construcionais mais substantivos até chegar a uma forma concreta de uso.

Para a abordagem construcionista, a compreensão das formas concretas de uso é alcançada no rastreamento da semântica por meio da estrutura sintática de superfície. Essas são algumas discussões que contextualizam o âmbito da teoria construcionista. Utilizamos uma concepção de linguagem que dá conta de abranger todos os aspectos que explicam de forma cognitiva e funcional os diversos usos da língua. Contudo, não podemos esquecer que uma das características de toda língua natural é a possibilidade de variação e mudança. Assim, na subseção a seguir, discutiremos como a Gramática de Construções aborda a variação.

1.1 A variação na Gramática de Construções

Em uma perspectiva sociolinguística, sabemos que as motivações das mudanças nas línguas são dadas por processos funcionais, não só no plano linguístico, mas também através das necessidades de usos da língua que as comunidades de fala têm para expressar sua comunicação no contexto social, bem como explicam Weinreich, Herzog e Labov (1968). A Gramática de Construções, por sua vez, é uma teoria que reconhece a influência das situações de uso sobre a língua, o que afeta as construções já existentes e promove a ocorrência de novas. O fato é que poucos estudiosos contemplaram a variação nessa abordagem. A inserção da variação nessa perspectiva pode ser feita por meio de diversas análises; neste estudo, trabalhamos apenas a noção de aloconstrução apresentada por Cappelle (2006) e desenvolvida por autores como Perek (2015) e Machado Vieira e Wiedemer (2019, 2021). A ausência da variação na perspectiva construcional consistia em uma divergência com os preceitos teóricos, uma vez que a concepção do modelo preza pela descrição da totalidade linguística do conhecimento do falante. Portanto, não é recomendado descartar a variação nos estudos de nenhuma vertente que busca contemplar a língua e as situações de uso, pois, sendo assim, se desconsidera as manifestações reais e concretas.

A definição do conceito de aloconstrução representa possibilidades alternativas de padrões construcionais. Cappelle (2006) explica que as possibilidades de construções estão ligadas através de uma categoria que captura os elementos em comum entre elas. O termo aloconstrução foi desenvolvido por Cappelle (2006) através da alternância de construções em

que a partícula *õpö* podia estar associada antes ou depois do verbo, sendo assim, construções sintáticas diferentes, porém com o mesmo valor semântico. Nos exemplos em (3) e (4) destacamos os dados exemplificados pelo autor:

(3) *õpick up the bookö*

(4) *õpick the book upö*³

O autor propõe que as duas sentenças devem ser entendidas como aloconstruções de uma construção transitiva de verbos e partículas. A solução proposta para contemplar a alternância na gramática de construções é tratá-las não como uma derivação de outra construção, mas sim como realizações estruturais variantes de uma construção parcialmente especificada. Ou seja, para o autor, há uma construção de verbo-partícula transitiva em que a ordem dessas palavras é subespecificada, não há uma delimitação precisa de onde a partícula irá ocorrer, ela pode se manifestar em diferentes posições. Nesse caso, elas são aloconstruções, pois exibem as possibilidades de manifestação de um esquema mais geral e parcialmente específico.

As aloconstruções de partícula-verbo não estão ligadas através de uma regra de derivação, mas através de uma supercategoria comum que Perek (2015) define como metaconstrução, a qual representa os *links* que abarcam a semelhança entre os padrões construcionais, portanto, essa categoria é o conjunto que reúne as possibilidades de aloconstruções. As alternâncias das construções representam as generalizações do que reside nas mentes dos falantes.⁴

Neste estudo, para propormos a discussão das aloconstruções, trabalharemos a construção de duas possibilidades de realização da sentença interrogativa disjuntiva. Tais possibilidades são comuns em PB e estão exemplificadas em (5) e (6):

(5) *O que você prefere entre banana e morango?*

(6) *O que você prefere, banana ou morango?*

Os exemplos acima demonstram que as duas interrogativas possuem o mesmo valor semântico de oferecer uma opção entre alternativas, porém as duas revelam estruturas

³ Capelle (2006, p. 1).

⁴ Para uma discussão das definições de aloconstrução e metaconstrução, indicamos a leitura dos textos de Wiedemer & Machado Vieira (2018a, 2018b).

sintáticas distintas. Em (5) temos a presença da preposição *entre* como elemento que oferece a disjunção, já em (6) encontramos a conjunção alternativa *ou*. Sobre isso, vale ressaltar que apenas as construções com *ou* são abordadas em estudos que almejam descrever o tipo frásico em português.

O nosso estudo assume que as duas ocorrências representam aloconstruções de um esquema de interrogativa disjuntiva. Sabemos que a Gramática de Construções propõe que não há sinônimo perfeito, ao passo que, para que isso ocorra, todos os aspectos da face formal e da face funcional precisam ser idênticos. Portanto, para rastrear as semelhanças que compõem a metaconstrução da sentença em estudo, visitaremos o componente formal da prosódia em relação com a sintaxe e a semântica. Para incluirmos esse aspecto, adotamos um modelo entoacional que nos permite visualizar os elementos que estão na cadeia sonora, a abordagem Autossegmental e Métrica da Fonologia Entoacional.

1.2 A Fonologia Entoacional

A Fonologia Entoacional almeja interpretar os significados semântico-pragmáticos e caracterizar contornos entoacionais presentes em cada proposição. Assim, os elementos tonais são vistos como traços acentuais que apresentam uma distinção categórica entre os significados. Para melhor representar tais elementos, a Fonologia emprega sistemas de notação que descrevem fonologicamente a realidade entoacional.

O modelo Autossegmental e Métrico (AM) é um dos sistemas possíveis para expressar as representações dessa abordagem. Ele possui o objetivo de descrever os inventários possíveis de melodias de uma língua, caracterizando a entoação em apenas dois níveis que refletem as proeminências silábicas de um enunciado; são os traços: baixo e alto, H (high) e L (low), do inglês. Por meio dessa teoria, podemos identificar e delinear as unidades contrastivas do componente fonológico que constrói a estrutura entoacional.

O modelo permite transcrever fonologicamente os movimentos da Frequência Fundamental (F0), principal correlato acústico da entoação. A F0 corresponde ao número de ciclos por segundo de vibrações das pregas vocais e é responsável pela nossa percepção dos graves e agudos. Além disso, ela também carrega informações que nos permitem identificar não apenas o caráter fonológico da entoação, mas também informações de cunho paralinguístico e até mesmo estilístico (ROSIGNOLI, 2017, p. 19).

Para que seja possível transcrever a curva entoacional, é necessário observar os eventos tonais que estão alocados em pontos específicos da cadeia segmental. Desse modo, a atribuição de tons é dada à sílaba de maior relevância no enunciado, a sílaba tônica. É ela quem apresenta a maior proeminência na unidade tonal. A notação dessa sílaba é feita pelo diacrítico $\tilde{\circ}$ ao lado do tom que está ancorado nela (H ou L). Os padrões melódicos se definem pela combinação das sílabas tônicas e átonas adjacentes. Para definir os contrastes do contorno da entoação, nos baseamos em dois tipos de acentos tonais: os monotonais (H, L) e os bitonais (H+L, L+H). Enquanto os monotonais associam-se a sílabas proeminentes formando picos ou vales na F0, os bitonais evidenciam a transição de um tom baixo a um tom alto (L+H) e vice-versa (H+L) (LADD, 2008, p. 89). Além dos tons atribuídos às sílabas para expressar os movimentos da F0, incluem-se, no modelo, os tons associados à fronteira do sintagma entoacional, sendo simbolizado pelo sinal de porcentagem (%) ao lado do tom que está localizado na fronteira do constituinte prosódico.

2 As interrogativas disjuntivas

Mateus et al. (2003, p. 461) explicam que as interrogativas não constituem uma proposição, pois ainda não possuem valor de verdade. É a resposta à questão que irá lhe conferir o estatuto de proposição. Ainda que o alocutário não responda verbalmente ou responda através de um advérbio modal (talvez, possivelmente, provavelmente), em qualquer dos casos, a resposta conferirá à interrogação o estatuto da proposição. Para as autoras, a pergunta disjuntiva já é definida como uma proposição, ao passo que, em sua estrutura, já estão disponíveis as alternativas possíveis para a resposta.

As interrogativas disjuntivas oferecem uma ampla possibilidade de análise, pois ainda que determinemos que sua estrutura ofereça apenas uma escolha como resposta, outros valores pragmáticos podem ser relacionados a ela e será papel da entoação determinar qual é o tipo de pergunta que se quer responder, como explica Bartels (1999) ao discutir outro valor pragmático da questão: o padrão disjuntivo total. Nesse caso, a pergunta pode ser respondida por sim ou não e não mais por um dos vocábulos oferecidos na alternância. A autora explica que, neste caso, a estrutura sintática da sentença é a mesma da considerada disjuntiva canônica, o que diferirá a função dos tipos disjuntivos é a combinação de dois fatores prosódicos: a quantidade de acento tonal e o movimento final da curva da F0. Segundo a autora, enquanto as disjuntivas canônicas possuem um acento tonal sobre cada vocábulo da

alternância e são pronunciadas com contorno final descendente, as disjuntivas totais possuem apenas um acento tonal localizado mais ao fim do sintagma entoacional e são encerradas com movimento ascendente. Vejamos o exemplo (7) a seguir:

(7) *Maria é alérgica a glúten ou lactose?*

Segundo Bartels (1999), ao pronunciar a proposição com um foco sobre cada vocábulo que compõe a alternativa e com uma queda tonal ao fim do enunciado, se pergunta a qual dos produtos Maria tem alergia, sendo esse o padrão da disjuntiva canônica. Ao não apresentar foco sobre os dois vocábulos ou subida do tom nos disjuntores da entoação, no final, obtém-se a interpretação de se Maria é alérgica aos dois produtos como um todo. Neste caso, trata-se de uma disjuntiva total que deve ser respondida por sim/não.

Entretanto, nem sempre toda disjuntiva precisará do recurso prosódico para guiar a interpretação pragmática de uma pergunta alternativa ou sim/não. Observam-se casos em que o contexto restringe a sentença ao valor de questão alternativa, como no exemplo a seguir:

(8) *O bebê de Maria é menino ou menina?*

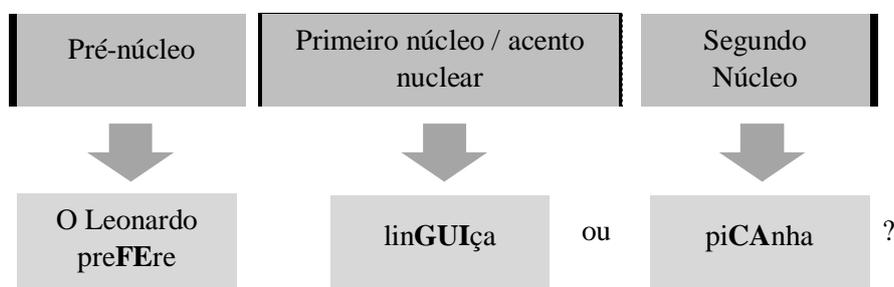
Percebe-se que a ambiguidade é desfeita pelo contexto, pois não há espaço para noções dúbias de sentido, sendo impossível que a entoação disjuntiva total recaia sobre a estrutura do exemplo (8).

Em estudo dedicado à investigação prosódica dos enunciados interrogativos do PB, Lira (2009) menciona que, para a descrição do tipo frásico disjuntivo, algumas sílabas-chave são de importante valia para descrever o padrão melódico e revelar marcas de regionalismo. A autora destaca que essas sílabas são: a sílaba tônica do ataque (aquela que antecede os elementos da alternativa), a sílaba tônica que precede a partícula alternativa e a sílaba tônica final da sentença. Com base no movimento da F0 observado nessa tríade silábica, pode-se compreender o comportamento padrão de subida e descida característico do enunciado disjuntivo.

Rosignoli (2017) explica que as interrogativas disjuntivas apresentam atributos entoacionais específicos que as diferem de outros tipos interrogativos, uma vez que dois núcleos informacionais são encontrados na questão que, por sua vez, provocam a ocorrência de dois contornos entoacionais. Segundo a autora, é o primeiro núcleo que porta o significado

pragmático de pergunta, pois o movimento ascendente característico dessa porção assemelha-se com aquele encontrado nas interrogativas totais, ao passo que o segundo núcleo da questão exibe movimento descendente, o que é identificado na literatura sobre entoação do PB como movimento característico do enunciado assertivo (MORAES, 2008). Desse modo, nos termos do modelo AM, o primeiro núcleo é simbolizado pelo acento bitonal ascendente L*+H. A partir disso, tomaremos como ponto de partida para destacar o valor pragmático da pergunta disjuntiva a atenção para o primeiro núcleo informacional, o qual recai no primeiro vocábulo que participa da alternância. Abaixo ilustramos⁵ os componentes do enunciado que precisam ser entendidos como determinantes do valor de pergunta para a interrogativa em nossa análise:

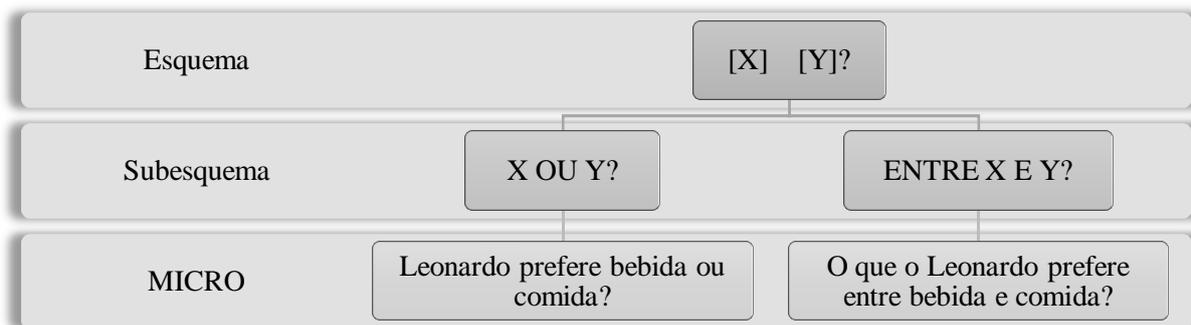
Figura 1. Esquema com os núcleos informacionais da interrogativa disjuntiva.



Como podemos ver, a construção disjuntiva apresenta debates particulares, tais como o seu conceito de formulação, suas possibilidades pragmáticas e até mesmo em relação à identificação dos componentes melódicos que favorecem a descrição do enunciado. Partindo do interesse em averiguar as construções desse tipo frásico na abordagem construcional, torna-se necessário representar o esquema da interrogativa disjuntiva que lidaremos nesse estudo:

⁵ As sílabas em negrito e caixa alta simbolizam as tônicas de cada unidade entoacional do padrão disjuntivo

Figura 2. Organização esquemática da construção das interrogativas disjuntivas.



Como pode ser visto no esquema (figura 2), parte-se da construção abstrata da interrogativa disjuntiva até sua manifestação de uso concreto. O esquema da disjunção se divide em dois subesquemas: o primeiro referente às construções com *õouõ* e o segundo das construções com *õentreõ*. Nota-se que as manifestações concretas disjuntivas apresentam estruturas sintáticas diferentes, uma vez que as formas com *õentreõ* selecionam o morfema interrogativo *õo queõ* e as formas com *õouõ* não permitem essa operação. É a partir desses moldes da disjuntiva que iremos propor que as duas constituem um exemplo de aloconstrução, uma vez que compartilham semelhanças e diferenças no âmbito sintático e semelhanças no âmbito semântico. Portanto, o que nos interessa é analisar quais são as propriedades sintáticas, semânticas e prosódicas que constituem o *link* entre os dois tipos de construção⁶.

3 Metodologia

Para cumprirmos com os nossos objetivos, a presente pesquisa foi dividida em três etapas metodológicas. Na primeira fase, realizamos as gravações que foram utilizadas para a investigação. Para isso, foram selecionados dois casais que possuíssem alguma relação afetiva. A motivação desse critério residiu no fato de buscarmos uma interação espontânea entre os informantes e acreditarmos que a conversa entre o casal favoreceria o estilo de fala necessária para a nossa análise, evitando que os falantes se sentissem em condição de monitoramento da língua e provocassem produções distantes da fala natural. A escolha de todas as palavras que deveriam constar nas sentenças deveu-se ao fato de serem polissílabas

⁶ Neste estudo, investigamos apenas as interrogativas disjuntivas com valor pragmático de sentença alternativa, aquelas consideradas canônicas por Bartels (1999).

paroxítonas; dessa forma, o material segmental permite que as modulações da onda sonora possam se distribuir visivelmente ao longo de todas as sílabas do enunciado.

Para a realização das interrogativas, os participantes foram apresentados a um jogo de perguntas e respostas elaborado exclusivamente para este estudo e intitulado de: *ÕO que o Leonardo prefere?õ*. Esse jogo continha 20 estímulos disjuntivos (10 de construções com *õouõ* e 10 de construções com *õentreõ*). Os jogadores recebiam duas folhas com as imagens das palavras que deveriam constar na pergunta a ser feita ao seu par. O jogo era dividido em duas etapas: a primeira com as perguntas formuladas com *õouõ* e a segunda com as perguntas formuladas com *õentreõ*. Em cada fase, eles deveriam escolher cinco números referentes às perguntas que eles desafiariam o seu par. Os comandos dados a eles eram que: todas as perguntas fossem formadas com o ataque *õO Leonardo prefereõ* e fosse completado o restante da pergunta com as palavras das imagens que constavam na folha. O seu par deveria esperar até o fim da enunciação para responder e, no seu turno, replicar com outra pergunta⁷. Ao todo, analisamos 40 disjunções.

A segunda etapa da pesquisa consistiu na análise dos dados, segmentando o enunciado no software *Praat* (BOERSMA & WEENINK, 2019). O programa permite a análise acústica, a manipulação e a síntese da fala e, além disso, oferece a visualização da curva da F0 e possibilita a segmentação do dado em diversos níveis, sendo possível delimitar, por exemplo, um vocábulo, uma sílaba e até mesmo um fonema. Em nossa pesquisa, segmentamos os nossos estímulos sonoros em três camadas: tons, sílabas e palavras.

A terceira etapa consistiu em tomar nota de todos os movimentos tonais existentes em cada enunciado e procurar por generalizações quanto à caracterização melódica das duas versões dos tipos interrogativos. Na posse das descrições dos dados pelos moldes AM, podemos chegar a padronizações dos movimentos mais precisos para cada enunciado, encontrar semelhanças e diferenças entre eles e determinar quais são os eventos tonais que caracterizam a interrogação. Por fim, a última etapa permitiu evidenciar a construção das perguntas por meio dos movimentos tonais e, a partir disso, representar quais são os movimentos entoacionais existentes em cada construção.

4 Discussão e análises dos dados

⁷ A etapa de gravação foi realizada em dois dias distintos do mês de agosto de 2019. É importante salientar que, naquele ano, ainda não estávamos inseridos no cenário pandêmico decorrente da COVID-19.

A partir da análise de cada um dos contornos melódicos, observamos que as duas possibilidades de construção disjuntiva são delineadas pelo mesmo movimento da F0, o qual inicia com uma queda na primeira sílaba tônica do ataque em direção ao primeiro vocábulo que participa da disjunção; a partir de então, uma subida melódica começa a se formar na tônica do primeiro núcleo até atingir o pico do enunciado, o qual está localizado entre os dois núcleos disjuntivos. Após o pico, inicia-se uma nova queda da F0 em direção ao fim do sintagma entoacional. Apesar de exibirem o mesmo padrão entoacional, algumas particularidades tonais podem ser identificadas em cada tipo de construção. Portanto, a seguir, descreveremos as características prosódicas de cada unidade informacional que compõe a disjunção, para isso, seguiremos a ordem do esquema frásico apresentado anteriormente (Fig. 1).

Pré-núcleo

O movimento do ataque dos enunciados disjuntivos (õo que o Leonardo prefereõ) mostrou-se descendente em todas as realizações de nossos ouvintes. Desse modo, utilizamos o acento bitonal H+L* para representar a queda da F0 situada nessa porção da sentença. As construções com õentreõ exibem queda da F0 até a última sílaba da preposição que introduz as alternativas. Do mesmo modo, nos enunciados com õouõ, a queda é interrompida na última sílaba pré-nuclear. Além disso, nos dois tipos de construção, identificamos possibilidade de pausa ao fim da porção pré-nuclear. Tal ocorrência é entendida como pista acústica que revela a fronteira entre os constituintes prosódicos da disjunção. Sendo assim, para as duas construções, teremos o acento bitonal descendente H+L* que pode ser precedido ou não por tom de fronteira baixa (L%), simbolizando a ruptura entre o pré-núcleo e o núcleo da sentença.

Primeiro núcleo disjuntivo

Em relação ao primeiro núcleo disjuntivo, as duas construções em análise manifestaram-se com variações do acento bitonal ascendente L+H, uma vez que essa notação simboliza o movimento de ascensão da F0 identificado no primeiro núcleo alternativo. Enquanto as disjunções formadas com õentreõ optam pelo L*+H, as disjunções formadas com õouõ optam pelo L+H*. De maneira geral, a associação da tônica nos acentos bitonais ocorre de acordo com o tom mais proeminente dentro da sílaba nuclear, por exemplo, se a maior

porção do movimento ascendente for baixa, tem-se L^*+H ; por outro lado, se houver mais tom alto dentro do movimento ascendente, tem-se $L+H^*$. Ademais, é interessante notar que, nas duas realizações disjuntivas, houve fronteira alta ($H\%$) ao fim do primeiro núcleo, o que parece corroborar o argumento de Rosignoli (2017) sobre o significado pragmático de pergunta estar associado a esse núcleo. Além disso, cremos que a fronteira alta emerge como uma pista prosódica a qual sugere aos ouvintes que a enunciação das alternativas ainda não terminou.

Segundo núcleo disjuntivo

No que se refere ao movimento final da curva, as duas construções disjuntivas realizaram-se sobre o mesmo contorno $H+L^* L\%$, o qual representa o movimento de queda da F_0 iniciado ao fim do primeiro núcleo disjuntivo em direção à fronteira do sintagma entoacional. Tal realização nos leva a concordar mais uma vez com Rosignoli (2017) em sua defesa de que o segundo núcleo disjuntivo não porta o significado pragmático de pergunta, pois essa configuração é característica dos enunciados assertivos do PB.

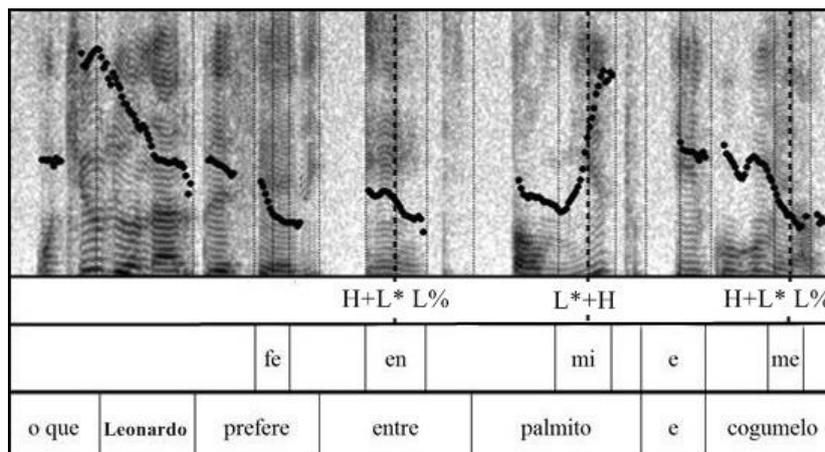
A partir do que foi visto sobre a configuração prosódica das construções disjuntivas, o quadro a seguir reúne os eventos tonais presentes na sentença em estudo:

Quadro 1. Eventos tonais presentes nas construções interrogativas disjuntivas.

Tipo de construção	Pré-núcleo	Acento nuclear	Contorno final	
		Constituinte 1	Constituinte 2	
Disjunção com õentreö	$H+L^* (L)\%$	$L^*+H H\%$	$H+L^*L\%$	
Disjunção com õouö		$L+H^* H\%$	$H+L^* L\%$	

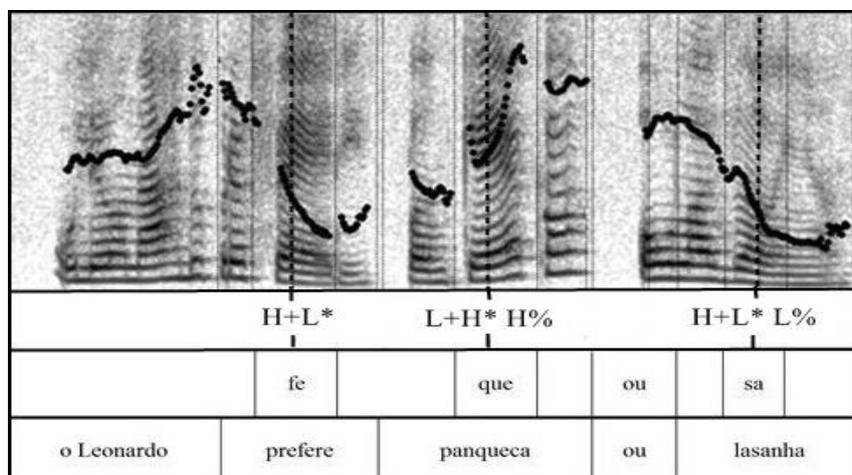
A figura, a seguir, é um dos exemplos extraídos de nosso *corpus* que ilustra os movimentos tonais descritos na construção disjuntiva formada com õentreö:

Figura 3. Construção disjuntiva formada com ãentreõ: õO que o Leonardo prefere entre palmito e cogumelo?õ



Já a figura a seguir é um exemplo de sentença formada com õouõ em que se encontram alguns movimentos tonais descritos para essa construção. Notamos que não há realização de pausa após o pré-núcleo e o primeiro núcleo disjuntivo possui sua maior porção alta associada à sílaba tônica. Além disso, temos uma fronteira alta seguida de pausa antes da conjunção alternativa õouõ:

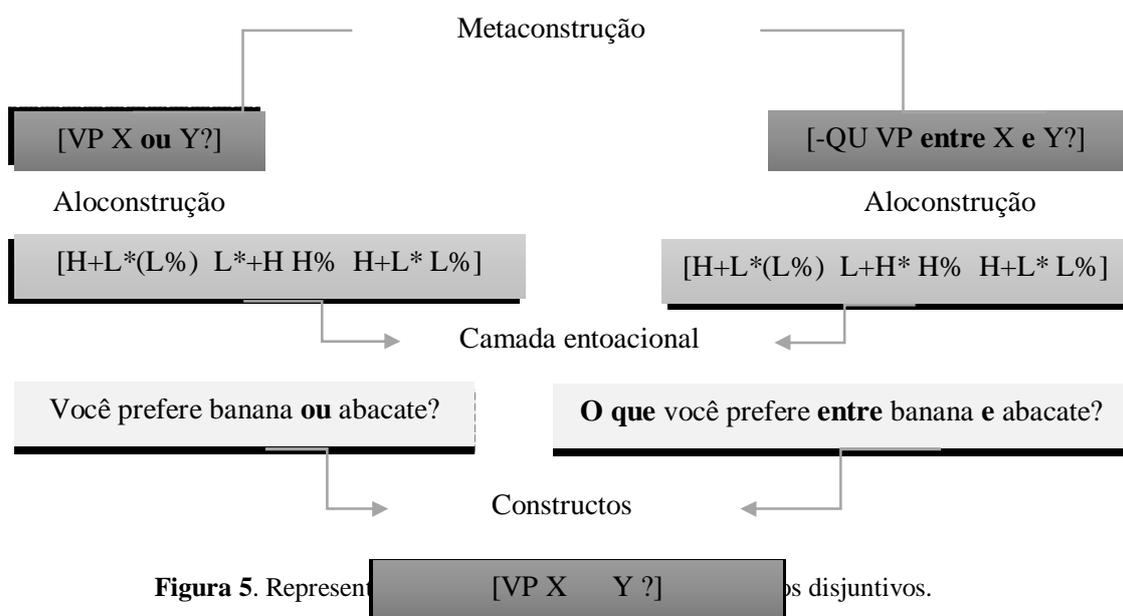
Figura 4. Construção disjuntiva formada com õouõ: õO Leonardo prefere panqueca ou lasanha?õ



A partir dos eventos tonais identificados nas duas construções disjuntivas, compreendemos que, no que se refere ao aspecto prosódico, existem mais semelhanças do que diferenças nas disjunções em estudo. Contudo, algumas características microprosódicas nos permitem compreender como se esquamizam as disjuntivas na rede de construções dos falantes do PB. Assim, defendemos que o esquema das questões disjuntivas é composto por dois movimentos de descida da F0 intercalados por um movimento de subida. Nos termos do modelo AM, propomos que a forma mais esquemática se organiza nos seguintes contornos:

H+L* (L%) L+H H% H+L* L%. Vale notar que, no movimento ascendente (L+H), não especificamos em qual tom do acento bitonal se alinha a sílaba tônica, pois essa característica fica a cargo do subesquema da construção disjuntiva, uma vez que o alinhamento da sílaba tônica no primeiro núcleo disjuntivo é a principal marca tonal que difere enunciados com *õentreõ* (L*+H) dos enunciados com *õouõ* (L+H*). Também vale destacar que o tom de fronteira baixo (L%) ao lado do movimento descendente do pré-núcleo é um recurso opcional, pois se realizou na metade das produções das duas construções de nosso estudo.

Dessa maneira, cremos estar diante de duas construções disjuntivas que carregam a mesma função de pergunta alternativa, mas que possuem diferentes formas. Essas diferenças se revelam, substancialmente, no aspecto sintático, uma vez que as construções com *õentreõ* exigem a seleção de um morfema interrogativo (palavra -qu) em seu início e a partícula aditiva *õeõ* junto aos elementos alternados, enquanto as construções com *õouõ* não. A fim de visualizarmos com mais clareza a rede de construções disjuntiva, a figura a seguir expõe a organização das sentenças em seus dois aspectos: o sintático e o prosódico. A metaconstrução, por exemplo, reúne os elementos comuns nas duas construções disjuntivas em estudo: um sintagma verbal (VP) que introduz a questão e os elementos (X e Y) em alternância (). Vejamos:



Conclusão

Logo, em relação ao conceito de discussão de variação na gramática de construções do presente estudo, compreendemos que o aspecto sintático da face formal apresenta mais discrepâncias nas construções em análise, pois as construções com *õentreö*, por exemplo, sofrem uma ação sintática a qual não ocorre nas construções com *õouö*. Enquanto aquelas exigem um morfema interrogativo em seu início, essas são livres para serem construídas com ou sem ele. Uma sentença alternativa com a preposição *õentreö* operando a disjunção será agramatical se não for introduzida por um morfema interrogativo. Vejamos os exemplos:

(9) *O que o Leonardo prefere, banana ou morango?*

(10) *O Leonardo prefere banana ou morango?*

(11) *#Leonardo prefere entre banana e morango?*

Evidentemente, nas situações de uso da língua, os falantes podem utilizar a entoação alternativa para perguntas como (12) e (13), no entanto, esses casos só serão licenciados se o contexto permitir que os falantes compreendam que estão diante de uma situação de escolha/preferência entre elementos.

(12) *Banana ou morango?*

(13) *Entre banana e morango?*

Desse modo, cremos que as construções disjuntivas com *õouö* são mais produtivas em razão da ausência de critérios sintáticos que as licenciam. Sendo assim, compreendemos que as duas disjunções em estudo se mostram como aloconstrução, uma vez que apresentam construções distintas para a mesma função alternativa. Tais distinções ocorrem, principalmente, no aspecto sintático, pois no aspecto prosódico só há um padrão melódico a ser assumido pelos dois tipos disjuntivos.

De acordo com o conceito de metaconstrução proposto por Perek (2015), defendemos dois *links* estabelecidos entre as aloconstruções. O primeiro refere-se ao conteúdo sintático, o qual determina que os *slots* da construção alternativa sejam preenchidos por um verbo e os vocábulos oferecidos. Nesse caso, o operador disjuntivo das construções diferirá as aloconstruções. Já no conteúdo prosódico, temos um movimento de descida, seguido por um

de subida e precedido por um novo movimento de descida. A associação da tônica ao tom alto ou ao tom baixo, no movimento de subida, determinará o tipo de construção disjuntiva.

Portanto, atribuindo a interpretação de aloconstruções em nossa análise, entendemos que as interrogativas formadas com õouö e com õentreö são manifestações da mesma, parcialmente especificada, construção interrogativa disjuntiva. Sendo assim, em sua formulação, pode ocorrer a preposição õentreö e, dessa forma, exigir um morfema interrogativo e selecionar õeö para coordenar os elementos que participam da disjunção, mas também pode ocorrer a conjunção alternativa õouö para alternar os constituintes e isentar a sentença de exigências sintáticas. Quanto ao plano entoacional, assumimos que não importa o vocábulo que irá relacionar as alternativas, pois ambas as construções se acomodam nos mesmos eventos tonais. A inclusão da preposição õentreö estende o movimento de queda pré-nuclear até sua última sílaba.

REFERÊNCIAS

BARTELS, C. *The intonation of English statements and questions: a compositional interpretation*. London: Routledge. 1999.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for õallostructionsö. *Constructions, Special Volume 1*, 1628, 2006.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press. 2001.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LIRA, Z. *A entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro*. Tese de doutoramento em linguística. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFP, 2009.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019, p. 85-120.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MORAES, J. A. Em Torno da Entoação: Alguns Problemas Teóricos. *Cultura Linguística 1*. Rio de Janeiro: Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, p. 63-78. 1982.

MORAES, J. A. *The Pitch Accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis*. Laboratório de Fonética Acústica, Faculdade de Letras UFRJ/Faculdade de Letras UFRJ/CNPq, 2008.

PEREK, F. Alternations as units of linguistic knowledge. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar: Experimental and Corpus-based perspectives*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. Cap 6.

PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. Tese de Doutorado. Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology, 1980.

PIERREHUMBERT, J.; BECKMAN, M. *Japanese Tone Structure*. Cambridge, The Massachusetts Institute of Technology Press, 1988.

ROSIGNOLI, C. C. *O padrão entoacional das sentenças interrogativas da variedade paulista do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado em letras. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, v. 30, n. 30, p. 81- 132. 2018a.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. (Org.) *Sociolinguística: Estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava, PR: Editora da Unicentro, p. 41-77, 2018b.

Recebido: 29.12.2020.

Aprovado: 29.01.2021.